

Notícias de Barcelos

Director e Proprietario—João Batista da Silva Corrêa

Redacção e Administração
LARGO JOSÉ NOVAIS N.º 8
BARCELOS

EDITOR—ANIBAL BELEZA FERRAZ
PUBLICA-SE A'S QUINTAS-FEIRAS

Composição e Impressão
TIPOGRAFIA MARINHO
Telefone 123—BARCELOS

LE TEMPS, importante jornal francês, publica um longo artigo de Henriette Colarié, jornalista cotada no meio intelectual, colaboradora ilustre de varios jornais.

Soube, com inteligência, ver bem o momento que Portugal vive, a obra do Estado Novo, a obra de Salazar.

Num cuidadoso poder de observação, a conhecida jornalista, numa cronica cheia de elegancia literaria, foca o alto valor do ilustre Presidente do Concelho.

A personalidade de Salazar vive no interessantissimo artigo com perfeição, clareza e grande verdade.

Desde o dia em que Salazar, ministro das Finanças primeiro, Presidente do Concelho depois, acedeu em contribuir para o ressurgimento de Portugal, desde o dia em que tomou conta do seu ministerio, diante das contas do Estado, não teve senão um pensamento, resolver a crise, equilibrar o orçamento.

A sua obra desenvolve-se numa independencia absoluta, só, como um grande homem dotado de uma forte disciplina, duma inteligencia rara, e duma vontade firme.

Os resultados da sua acção não se fizeram esperar. Graças a ele Portugal, o pequeno Portugal, pode ser citado como um exemplo ás outras potencias, por maiores que elas sejam...

NO CONGRESSO NAZISTA que está a realizar-se em Nuremberg, onde se encontram 180.000 chefes nazis, 110.000 membros das tropas de assalto, 21.000 das tropas negras, 100.000 membros da Juventude Hitleriana, e dezenas de milhar de filiados que representam as 35 secções em que o Partido Nacional Socialista é dividido, estão também 52.000 do Serviço do Trabalho, são 52.000 soldados do trabalho, homens que trazem ao hombro uma pá.

São estes homens que no congresso do trabalho ocupam um lugar reservado, um lugar de honra.

A' chegada de Hitler, ouve-se uma voz de comando gritar «serviço do trabalho sentido» e em seguida «pás ao hombro» e com uma precisão militar os 52.000 soldados de trabalho executam esta manobra.

Hitler, levantando o braço, exclama em voz forte: *Heil, trabalhadores.*

Como um trovão, os soldados do trabalho respondem: *Viva o nosso fuhrer.*

O fascismo, qualquer que seja a sua modalidade, tem exhibicionismos espectaculars, vivendo muito dessas exteriorizações; mas confessamos que este que descrevemos é impressionante e profusamente sugestivo.

NO EXTREMO ORIENTE, um general chinês, com um nome muito exquesito e que não vem para o caso, mas que é comandante em Chefe das forças militares numa provincia, ordenou que fossem dadas severas instruções a todos os comandantes das unidades e destacamentos milita-laquela provincia, para que fossem imediatamente licenciadas todas as heres que estavam empregadas nos corpos militares.

Declara o General que «a sua resolução foi tomada em virtude de ter che-

A VITÓRIA

O gesto altamente patriótico e significativo do N. S. correspondendo ao apêlo de Salazar, veio trazer novos alentos e consolidar a obra de ressurgimento nacional, gloriosamente iniciada na Revolução Nacionalista de 28 de Maio.

São grandes valores intellectuais, disciplinados e livres de influencias doentias que, ingressando na União Nacional, veem colaborar desinteressadamente no movimento revolucionário que tem por objectivo um Portugal Maior.

Nacional Sindicalismo e União Nacional são e foram sempre palavras com o mesmo significado da doutrina que Salazar vem pondo em pratica.

Todos os nacionalistas, absolutamente todos, devem obediencia ao CHEFE que por merito e direito conquistou o lugar que superiormente ocupa.

Resta-nos somente, assim unidos no mais puro Ideal Nacionalista, continuar a luta, desde o primeiro momento iniciada, contra os poucos elementos que ainda pugnam por uma politica de regedoria de incompetencia e de facção.

Desmoralisada, gasta e sem comando a facção anti-nacionalista, em luta de guerrilhas, ainda precisa de ser combatida e acossada até ao momento em que possamos proclamar a Vitória da Nação contra a anti-Nação.

E, assim, juntos e disciplinados, obedecendo á voz do CHEFE—Salazar—teremos um Portugal Maior, bem digno daquele Portugal que, num passado distante, foi grande no Mundo.

O que é preciso agora, como diz o eng. J. Luiz Supico, «o que o Futuro da Pátria reclama de todos nós, é que façamos Nacionalismo, sem cuidarmos de saber onde» e a Vitória será nossa.

gado á conclusão de que a mulher não é capaz de guardar convenientemente os segredos militares.»

Discordamos deste general, a não ser que as chinezas sejam de temperamento diferente.

A mulher quando quer ser guarda dum segredo é o melhor cofre que pode existir, não ha ninguém que lhe arranque a confidencia, nem o homem mais sedutor é mais astuto; ao passo que os maiores segredos de Estado são quasi sempre desvendados por artimanhas de mulher, sendo elas as espias inteligentes ao serviço internacional.

Quem percorrer a literatura sobre este genero de acção verá o papel dominante que nele desempenham as mulheres.

Discordamos do general Chinez

O MINISTRO das colonias da Belgica, após uma viagem pelo Congo e Angola, esteve em Portugal, demorando-se algum tempo em Lisboa e Porto.

Chegado ao seu Paiz, entrevistado pelos jornalistas, fez declarações que muito nos apraz transcrever, tão elogiosas elas são e tão exactas.

«Fiquei satisfeito por ter duas longas conversas com o presidente do Concelho, Dr. Salazar.

Estas conversas permitiram-me apre-

ciar a nitidez das suas concepções e a riqueza da sua documentação em materia colonial.

Salazar é, certamente, um homem de elevado valor.

Ainda que professor—e muito eloquente, segundo me disseram—fala pouco e escuta muito.

Mas quando sai do silencio é somente para emitir com precisão opiniões nada banais.»

Em seguida, classifica o Arquivo Historico Colonial como uma mina quasi inexgotavel, á disposição dos sabios e dos investigadores.

Termina com esta referencia á Exposição Colonial:

«Trata-se duma verdadeira exposição, em que se agrupam do modo mais feliz uma grande quantidade de produtos coloniais e preciosos ensinamentos.

«Para todos os coloniais a visita desta Exposição apresenta um enorme interesse.»

A RUSSIA sovietica que tem uma policia especial politica, a G. P. U., fez ha dias publicar e correu mundo, que nos seis primeiros anos de sua acção fez executar um milhão de seletos e sessenta mil pessoas.

Que barbaridade!

Classes a que pertenciam as vítimas da Ditadura do Proletariado.

Temos: entre o clero, mil duzentos e quarenta bispos e sacerdotes; entre

os professores, apenas seis mil quinhentos e setenta e cinco mortos (é util chamar, nesta altura, a atenção do «camarada primário» português e de todos aqueles que, embora em numero descrente, ainda auxiliam ou propagam, nas nossas escolas, o evangelho de Lenine...) Quanto a oficiais do Exército, perto de cincoenta e cinco mil foram suprimidos pelos bolcheviques. Médicos, perto de nove mil—porque, como a Revolução Francesa, a Revolução Russa «não precisa de homens de ciência»... Enfim, os soldados, policias, operários e camponeses assassinados contam-se... por dezenas de milhar!...

E as Nações, reunidas em Genebra, votaram a entrada da Russia Soviética na Sociedade das Nações, esta Russia sanguinaria, barbara, que procura anarquizar o mundo inteiro.

O argumento é que será assim mais um agente a cooperar na Paz.

Portugal, honra seja feita, votou contra.

VISITOU ha dias a Exposição Colonial do Porto Sua alteza o Principe de Gales.

Foi uma visita rápida, quasi á lá minuta, mas talvez o bastante para Sua Alteza avaliar o nosso esforço colonizador.

Ele que tão bem conhece, por viagens, algumas das mais vastas colonias portuguesas, não quiz perder a ocasião de ver o documentário interessante e rigoroso que pelo génio de Henrique Galvão foi condensado no Palácio da Exposição.

O futuro Rei da Inglaterra é um espirito muito culto, conhecedor de todos os problemas do seu País e acompanha a politica de todo o Mundo, como é próprio dum Principe que ha-de vir a ser Rei.

Mas tem facetas na sua vida tão interessantes que não fugimos de notal-as aqui e que transcrevemos de onde as lemos.

«O Principe de Gales, o árbitro da moda inglesa, é também o az que interessa á reportagem internacional. E' que o Principe de Gales é o herói duma novela amorosa: há 15 anos que se anuncia, dia sim, dia não, o seu casamento, para dia não, dia sim, se desmentir os seus hipotéticos esponsais.

Quando o Principe de Gales completou 30 anos o dia de seu aniversário foi de expectativa, 400 milhões de subditos esperaram, em vão, que nesse dia, o Principe cumprisse os desejos da rainha Mary: anunciar o seu casamento ou a escolha de noiva. Passou esse dia e passaram muitos mais.. De vez em quando anunciava-se a visita do Principe de Gales a um Estado europeu ou a recepção em Londres a uma das muitas princesas casadoiras. Dizia-se logo: o Principe de Gales vai casar. Mas passados dias sabia-se que o Principe Encantador não queria casar.

O misterio da teimosia celibetaria do Principe de Gales foi, há anos, explicado por um livro, de autor anónimo e que foi retirado da circulação: o Principe de Gales não se casava pela razão simplicissima de que o seu amor para qualquer mulher só durava 3 meses. E para estar casado somente 3 meses seria preferível não contrair esponsais.

E foi este homem, herói da novela amorosa, que passou como um meteorito pelo Porto.»

Notas do Porto

ZÉ MIGALHA

Entre pinheirais e carvalhos frondosos, que o ribeiro dá frescura, nesta solitaria aldeia que Julio Diniz descreveu com mão de mestre; neste isolamento onde os dias passam sem darmos por isso, esquecendo o calendario, gosando uns dias de ferias depois dum ano de incessante labôr, mais perto da natureza, longe da cidade, beneficiando da pureza destes ares que dão saúde e alegria, nós sentimo-nos rejuvenescer. O nosso fisico—vergado ao peso dum trabalho continuo, entre papelada burocrata ou negocios de monta, num escritorio sem luz e sem ar, vivendo em acanhadas casas, focos de doenças, na cidade do trabalho—respira enfim o ar da montanha, esquece toda aquela vida rumorejante, a vida que extenua e aborrece.

Esquece-se a civilização, o progresso, a vida. Se não tivéssemos o jornal que a mulhersinha do correio traz, sollicita, este isolamento era quasi como a ilha desconhecida de Robinson Crusôé. Em horas e horas seguidas só se ouve o gorgear da passarada, o murmúrio do ribeiro e o zumbir impertinente das môscas que fustigam os nossos ouvidos, aos milhões. De resto é uma solidão permanente, onde a gente se sente bem, rodeada por um batalhão de arvores de fruto e mais distante, na encosta do monte, como soldados napoleônicos, pinheiros bravos, esguios, são guarda avançada deste exercito.

A civilização, a vida ficticia—porque a real é esta—volta a aparecer-nos nas columnas do jornal que instintivamente somos forçados a lêr. Relembramos então a vida agitada que tivemos e atraí-nos como um imán, todas aquelas noticias de pessoas conhecidas, de ruas, toda a vida duma cidade estampada em letra de imprensa, vida nossa conhecida. Por momentos veem-nos saudades, uma nostalgia apossa-se de nós e desejamos voltar para o turbilhão, como borboleta em redôr da luz forte duma lampada.

A aldeia, esta paz a que não estamos habituados, vai se-nos tornando familia. Já é nosso conhecido o Zé Migalha, pobre rendeiro que trabalha de sol a sol, sem uma hora de descanso. E nós, que somos curiosos, indagamos, preguntamos e assistimos a todo o viver do lavrador. A labuta, o grangeio da terra regada com o suor do Zé Migalha, a colheita, trabalho árduo e mal pago. Alimentação má, quasi só pão e caldo, uma hygiene de imundicie, com quarto de dormir e sala de jantar contíguos aos currais, donde exala um cheiro nauseabundo. Os pequenos, migalhas em miniatura, futuros escravos da terra, todos choramigas, arrastando-se pela poeira, parecem pretos da nossa Guiné.

Cercam-nos campos de milho a aloirar; nas ramadas os cachos começam a amadurecer; as hortas estão verdejantes e viçosas e o pomar prometedor já deu os primeiros frutos. Tudo isto é obra do homem que cava a terra, do Zé Migalha, humilde e rastejante como erva do prado. Tudo isto é trabalho desse aldeão simples que vemós nas romarias a cantar a cana verde, e a quem não ligamos importância, pela rudeza do seu aspecto, ou pelo negrume da sua fisionomia que o Sol queimou.

A terra mechida e remechida pelas mãos calosas do lavrador, de todos o mais pobre e sacrificado, frutifica, apresentando-se em toda a sua pujança, deliciando-nos com as côres verde-mar e verde-escuro da planície.

Passam pelos nossos olhos os acontecimentos mais importantes que a galeja regista. A visita do Principe de Gales ao Norte; a victoria do Nicolau é assunto para meio jornal; o desastre de Espinho e na ultima pagina, ao fundo, o estendal de miserias sociais,

ECOS SEM ECO

A paciência na Educação

A paciência

é como que o resumo ou consubstanciação das duas virtudes que, no passado numero, preconisavamos como indispensaveis à boa educação, vamos, portanto, como que resumir o que então dissemos, mas com a vantagem de o assunto ficar mais esclarecido, e por conseguinte todos nós, que temos responsabilidade de educação, firmarmos mais e mais o nosso propósito de sermos mansos e humildes, se porventura queremos ter os louros de educadores, que é como quem diz contribuir em grande escala para o levantamento moral, intelectual e fisico da sociedade, tornar eficazes os esforços heroicos que estão fazendo os homens da *Dita-dura*, para ressuscitar na sociedade contemporânea as virtudes d'antanho.

Lá diz S. Paulo que a paciência nos é necessária... para alcançar a vitória; e que vitória pode haver maior que a do educador quando ele consegue vencer-se a si mesmo, e vencer, corrigindo os defeitos e más inclinações de seus subordinados e transformando aqueles em virtudes, e estas enfreando-as a tal modo que possam ser dominados pelo paciente.

Sim, a paciência é, de modo particular, necessária ao educador, e particularissimamente à mãe de familia, que a todo o momento está exposta a desgostos e desprazeres sem conta: é exposta a ver-se desobedecida, despresada, e quantas vezes até insultada. Mui necessário lhe é a paciência para todo levar com calma, com paz, com resignação cristã.

Sem paciência que mérito poderá ter; sem resignação que prêmio poderá esperar?

Mesmo, na escola, na oficina quantas ocasiões de exercer a paciência, com os defeitos dos pequenos e com as exigências dos grandes!

A paciência

é como que a alma da educação. O educador impaciente como pode instruir os meninos ignorantes, acanhados, tarados e até mesmo imbecis? Como poderá repetir uma, duas, cinco, dez vezes a mesma coisa para que seja entendido, para que seja escutado?

Se os filhos, e quem aizes, diz todos os educandos, vêm seus superiores privados de paciência.

Como ousarão aproximar-se para lhe pedir a atenção, o conselho, a ajuda, o ensino? Sem esta virtude é impossivel corrigir, ensinar com frutto, tirar proveitos da educação. A miúdo o impaciente deixa escapar palavras indecorosas, indignas e impróprias de quem tem autoridade; fará as coisas com precipitação, afastará os educandos das confidências e afectos próprios da idade. Oh! que grande mal não saber ou não poder dominar próprio animo!

A impaciência, a perturbação, a vivacidade, antes indicam fraqueza, que constância e firmeza de carácter; os homens fortes sabem conter-se, dominar-se, os fracos gritam e impacientam-se à minima dificuldade.

No fisico como no moral a impaciência é sinal de fraqueza. Recordemos e meditemos especialmente a sentença do Espírito Santo: «Quem é paciente, governa-se com muita prudência, mas o impaciente manifesta a sua loucura.» E aqueloutro do Evangelho: «Com a vossa paciência possuireis as vossas almas.»

Não deixemos que a ira se apodere de nosso animo, mas sofriemo-la ao nascer, como se abafa de pronto a centelha que bem pode dar lugar a um grande incêndio. Não é, porém, num dia ou dois que venceremos a impaciência; mas com o exercicio graduado e continuo. *Graduado*, com o propor-se de não se impacientar por algum tempo, ou seja por exemplo por uma hora ou duas; depois por uma manhã e ainda por um dia inteiro, e assim gradualmente. *Continuo*, com o não deixar mais, não se desanimar nas faltas, mas continuar mais e melhor como ajuda de Deus.

A paciência deve ser o nosso pão quotidiano e particularmente com nós mesmos. Usamos nós, porventura os meios para adquirir esta virtude?

Com esta virtude bem exercitada o mundo seria um continuo paraíso terreal.

P. M.

como: «Paralítico, velho e doente, precisa auxilio dos leitores caridosos» e mais neste genero, gritos aflitivos de tuberculosos, de viúvas etc. Mais adiante, em caracteres mais visiveis: «Sociedade elegante» «Reunião mundana» «Chá de Caridade»

Zé Migalha, a esta hora do dia, com o sol a pino, lá está no meio do campo, a trabalhar. Não sabe o que se passa no mundo civilisado. Desconhece estes acontecimentos a que nós damos foros de sensacionais, sabe apenas que é preciso deitar ao sol as lindas espigas, ou que são horas de colher o pasto para o gado. Vive na ignorancia e não digo feliz porque tem o vinho na adega por vender e o milho é necessário para o seu sustento e o de meia dúzia de filhos.

A vida do Zé Migalha é cheia de trabalho. Quantas vezes, depois de vinte ou trinta anos de canseiras, ele vê os seus utensilios de lavoura, as suas pobres e fracas mobílias (um banco de pinho ou uma caixa de madeira) inventariadas pelos da justiça, a mando dum senhor a quem o Zé deve algumas rasas de milho de renda.

Acorrentados à gleba, filhos do sol e da chuva, arrastando uma vida cheia de privações, os homens que deviam

ser os mais bem compensados, são os mais esquecidos. Nas reivindicações sociais, nos beneficios ao trabalhador, na organização das classes, é sempre o Zé Migalha o ultimo. Emparceira no cortejo com o Zé Ninguem, seu irmão, o pedinte. São ambos desgraçados, porque nada tem e o resto dos dias da sua vida, na velhice, são passados de sacola ao hombro e de varapau na mão, resando o Padre Nosso e a Ave Maria, debaixo das janelas dos burgueses. E nós, que viamos nas «Terras do Demo» de Aquilino Ribeiro, um exagero, confessamos que ele tem razão. O Zé Migalha é escravo da terra e da vida!

R.

SOCIEDADE

Aniversários
Fazem anos

Sábado—a ex.^{ma} sr.^a D. Laurinda Cândida Lebreiro e o sr. José da Graça Fernandes de Souza. Domingo—a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Tereza de Faria da Quinta.

Dia 18—a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Elisabett de Oliveira Pinto e os srs. Miguel Martinho de Faria e António Velloso de Araujo.

Belas Artes

Mais seis lindos e sugestivos quadros em miniatura—seis joias artisticas—que fui admirar e contemplar, embevecido, no elegante e confortavel salão do Café Novo, onde se acham expostos ao publico.

De dia para dia, Manoel G. Torres, dá-nos uma modalidade do seu rial talento, mostrando nestes quadros que sabe devassar todos os segredos da Arte e da Natureza, sua fonte de inspiração, onde vai beber os mais delicados motivos para a concepção das suas obras.

Se as protectoras e meigas fadas das lendas são génios que podem transformar, com a sua varinha de condão, pobres e rudes pastorinhos em lindos e esbeltos principes, e as choupanas em verdadeiros palacios encantados, este jovem pintor, com o seu pincel magico, igual àquela varinha de condão, sabe transformar as coisas mais banais em surpreendentes assuntos de monumentos e paisagens.

Não é um elogiolouvaminheiro que lhe faço: é um acto de justiça que pratico em homenagem à Arte e ao Artista.

Qual destes seis quadros é o melhor? Não lhes sei dizer, porque os gostos não se discutem. Para mim, que nutro o sentimento panteista, isto é, que Amo Deus como Criador de todas as obras da Natureza e admiro tudo o que esta nos mostra de belo e expressivo, desde os montes altaneiros e magestosos nos seus contornos gigantescos, aos prados esmeraldinos de canteiros floridos; desde a poalha doirada do sol-nascente, ao crepusculo nostalgico do sol-poente; desde o serpentear dos rios mugidores como o Cavado, até ao mar bonançoso, cujas ondas veem beijar, docemente, a praia; desde as noites luarentas na aldeia; onde cada arvore nos parece um fantasma, ás noites calmas e estreladas, para contemplar extasiado, os milhares de mundos fosforescentes, que luzem na abobada celeste... Para mim, pois, o melhor e mais belo quadro é aquele que representa um trecho da ponte de Ferro sobre o Cavado, tendo como perspectiva ou pano de fundo, o lindo e poetico arvoredado da outra margem, verdadeiro oasis de fragancia e frescura, por cuja densa e frondosa ramagem, o sol estival vai espreitando alegre e sorridente.

Barcelos tem, como nenhuma outra terra minhota, arredores e locais de aprazivel encanto, mas nenhum como este que o jovem pintor escolheu para o seu quadro.

Eis aqui a minha modesta opinião pessoal que só vale pela sinceridade com que a exterioriso.

M. A. Lebreiro

DIVERSAS NOTICIAS

Acompanhado de seu genro sr. Americo Vaz Osório e familia, encontra-se na sua casa da Esparrinha, o nosso amigo Sr. António Fernandes Correia.

—Tambem se encontra na sua casa da Esparrinha, com sua familia o Sr. António Gomes de Faria Rêgo.

—Encontra-se na praia de Fão, com sua familia o Sr. Dr. Fernando Moreira, distinto clinico.

—Continua doente o Sr. Adelino José Peixoto, nosso solicito correspondente de Arcoselo.

—De visita a seu filho sr. Américo Vaz Osorio e esposa D. Maria Aldina Correia Vaz Osorio, esteve na quinta da Esparrinha, a ex.^{ma} sr.^a D. Amena Vaz Osorio, abastada proprietaria da cidade do Porto, com suas gentis sobrinhas.

Este numero foi visado
pela
Comissão de Censura

Notas do Porto

Dona Moralidade

Esta senhora simpática, de aparência modesta, vive em todos os cantos deste abençoado país. Fala-nos a todos os momentos, diz-nos palavras bonitas, cresce o seu entusiasmo com a loquacidade de que é dotada, dá conselhos a todas as pessoas amigas e conhecidas, apregôa por toda a parte o seu inrepreensível porte, envaidecida, ufana, cantando as maravilhas da sua alma branca de jaspe. Dá mostras de pessoa sensata, aparenta uma imaculabilidade inimitável, finge um sentimento nobre e uma caridade exercida sem igual. Julga-se e pretende convencer os outros de que é detentora de todas as acções belas.

O que a D. Moralidade não diz é o que pratica de mau, encoberta com a capa da bondade. O que ela não conta aos outros é aquilo de que sua alma perversa é capaz. E nós sabemos bem, pelos casos que todos os dias se dão. Cínica, defende-se com a arte da sua ciência, logrando os pacóvios que nela acreditam. Faz alarde duma moralidade balôfa, inexistente, para poder, á sucapa, atingir os fins de antemão premeditados. Enganando o próximo com mesuras e falas macias, lá vai medrando, enquanto lhe não descobrem as suas más intenções.

Estas aves de rapina, estas corujas que só pela calada da noite actuam, são o veneno da sociedade. Entre esta D. Moralidade que sabe fingir para levar a água ao seu moinho e a D. Imoralidade que ás claras pratica as feias acções, devemos optar por esta, porque nos não engana.

Ataca, mas a peito descoberto, sujeitando-se ás consequências. A outra é como o morcego, que só de noite sai cá fora. O seu lema é a covardia.

Portugal é lindo! São belos os seus panoramas; são românticos os seus habitantes; todo o povo canta; a vida de corre serena, numa beatitude de enlêvo; os seus campos são jardins floridos. Todo este conjunto é uma maravilha, é um poema, visto do alto em avião, ou con'emplado do cimo da serra da Estrela, em dia límpido. É um país magnifico para passear, para nos embriagarmos com a sua paisagem, para recrearmos o nosso espirito abalado pela lufa-lufa desta vida agitada. Mas... cuidado. As roseiras adornadas com flores belas e odorosas, teem espinhos. As silvas nascem no meio dos jardins e ás vezes não as vemos. Uma pequena aranhadela pode produzir a morte.

A perfeição dos homens, uma gente sincera e boa, uma justiça imparcial, um bem-estar colectivo, impossível... impossível...

Louco será aquele que em tal pense, que julgue realizar semelhante sonho. O deus interesse, o deus dinheiro, estarão sempre acima de todos os generosos desejos. O vil papel moeda, essas notas de diversas cores e desenhos, com um cavalleiro de barbas cumpridas, são o isco onde o mais bem intencionado cai. Foi uma invenção de Satanás para perverter as almas boas; para transformar o mundo; produzir as guerras; crear as usuras e as ambições, e semear enfim todos os males de que enferma a humanidade.

—Cantigas, meu amigo. A moralidade é para os outros, dizia-me há dias o Nicolau. E o que é certo é que ele está rico e lá na terra é o que manda. Todos o respeitam e o prestigio é tanto, que o Nicolau já é regedor...

Mas quando a consciencia fala; mas quando o corpo verga ao peso dos anos ou a doença apoquentar; quando o remorso vem chicotear o cerebro e oprimir o torax, então é que se arrependem estes verdugos da humanidade, estes monstros que a minha pouca habilidade não sabe definir como deve, mas que todos conhecemos. As suas viti-

Peregrinação a N.ª S.ª da Franqueira

Promete revestir-se de excecional grandeza a jornada de Fé e de afirmação religiosa que se realisa, no proximo domingo, 9 de Setembro, á Franqueira.

No proximo domingo realiza-se a peregrinação anual do concelho de Barcelos aos pés da Virgem da Franqueira, piedosa manifestação de fé catolica, organizada pela autoridade eclesiástica, unica que superintende nos actos do culto e a quem os católicos, e que serão benzidas após a benção do Santissimo Sacramento.

A Peregrinação

Ás 11 e meia partirá da Igreja do Convento constituída por as associações, confrarias e milhares de fieis



VIRGEM DA FRANQUEIRA

licos, que de facto o sejam, devem obediencia, acatando, sem reservas, as suas determinações.

A autoridade eclesiástica entendeu que o ponto de reunião e partida devia ser a Igreja do Convento da Franqueira. Naturalmente não foi de animo leve e sem ponderação que assim o resolveu. A'queles que se dizem catolicos, mas catolicos praticos e não só de nome, compete-lhes conformar-se com as suas determinações e nada mais.

No Largo do Convento

Será organizada a Peregrinação devendo os peregrinos ocupar o lugar designado para cada freguesia e indicado por taboleta.

A peregrinação partirá da igreja do Convento ás 11 e meia horas, sendo conveniente que as confrarias e associações se encontrem já reunidas e ocupem os lugares respectivos.

Os fieis podem adquirir as medalhas comemorativas desta Peregrinação, que se encontram no Largo do

Convento, e que serão benzidas após a benção do Santissimo Sacramento.

Só são permitidos os canticos eclesiasticamente aprovados.

Recomenda-se para que todos os peregrinos que se incorporem nesta jornada de Fé, ostentem a medalha comemorativa desta Peregrinação.

Na Franqueira

Chegada a Peregrinação á capela de N. Senhora da Franqueira será cantada a Missa dos Anjos, devendo os grupos de cantores ficar o mais proximo possivel do altar.

A missa é campal á porta da Capela.

Depois do sermão e da benção do Santissimo Sacramento, serão benzidas as medalhas.

Os peregrinos que desejem lucrar a indulgência concedida por Sua Excelencia Reverendissima o Senhor Arcebispo Primaz, têm de tomar parte na Peregrinação, devidamente confessados, comungar nesse dia e rezar uma estação deante da imagem de Nossa Senhora da Franqueira.

GAROTICE... ANONIMA

Andaram por aí, de mão em mão, uns papeluchos, obra de qualquer garotote, tentando achiucalhar uma pessoa honesta que só tem feito bem a esta terra e que está muito acima desses talentos que por aqui vegetam e que para nada servem e nada valem.

A policia de Segurança tomou conta do caso para vêr se descobre o co-varde autor da proeza, afim de lhe dar o correctivo de que é digno.

FALECIMENTOS

D. Duzalina Lopes Rodrigues

Na madrugada de domingo ultimo faleceu na freguesia de S. Martinho de Vila Frescainha, onde se encontrava em procura de alivio para a doença que ha longos meses a vinha torturando, a sr.ª D. Duzalina Lopes Rodrigues, de 25 anos, filha do falecido capitalista sr. Custódio Lopes Rodrigues e da sr.ª D. Rosa da Conceição Lopes Rodrigues Carvalho.

A saudosa extinta era dotada das mais exelentes qualidades de coração, motivo porque o seu passamento foi muito sentido.

O seu funeral, que foi muito concorrido, realizou-se pela 6 horas da tarde de segunda-feira passada, ficando o cadaver depositado em jazigo de familia, no Cemitério desta cidade.

A saudosa extinta era irmã do nosso amigo e camarada de redacção sr. Dr. Constantino Lopes Rodrigues e da sr.ª D. Constança Lopes Rodrigues, e dos srs. Custódio Lopes Rodrigues, Fernando Lopes Rodrigues e Manoel Lopes Rodrigues Carvalho.

A toda a familia enlutada e muito especialmente ao nosso querido amigo e distinto medico sr. Dr. Constantino Lopes Rodrigues as nossas sentidas condolencias.

D. Maria do Carmo Carneiro Vilhena Abreu e Lima

Pelas 11 horas de ontem faleceu na sua casa, á rua Emidio Navarro, em Barcelinhos, a sr.ª D. Maria do Carmo Carneiro Vilhena Abreu e Lima, de 76 anos, viuva do sempre lembrado sr. Caetano de Macedo Faria Gayo, que nesta cidade ocupou logares de destaque.

Descendente de uma das mais nobres familias de entre Douro e Minho, estava aparentada com as mais illustres casas desta região.

Coração bondoso e sempre pronta a socorrer os pobres, a illustre extinta foi mai de numerosa prole que aducou a trilhar o caminho da honra e do dever.

A saudosa finada era mai das sr.ªs D. Alice, D. Aduzinda, D. Glória, D. Albertina e D. Joaquina de Macedo Faria Gayo e dos srs. Gaspar e Joaquim de Macêdo Faria Gayo e sogra dos srs. Miguel Faria Gayo, Fernando de Macêdo, Antonio Vilhena e Manoel da Cunha Ferreira.

O seu funeral realiza-se amanhã ficando o acadaver da saudosa senhora encerrado em Jazigo de Familia, na Cemitério de Barcelinhos.

A toda a familia enlutada apresentamos o nosso pesar.

Tudo o que no Império é comum deve ser dominado por ordens que venham da mesma fonte. Este é o principio.

Dr. Arlindo Monteiro

Nascimento

Na Póvoa de Varzim, onde se encontrava a veranejar, deu á luz uma robusta criança do sexo feminino a sr.ª D. Maria de Lourdes Leão Cruz de Sousa Lima, dedicada esposa do sr. Pedro Torres de Sousa Lima.

A seus pais e avós e mnito especialmente ao avô materno, o nosso bom amigo e distinto colaborador sr. João Carlos Coelho da Cruz, apresentamos as nossas felicitações.

Farmacias de serviço

No próximo domingo e durante a semana estão de serviço permanente as farmácias Fernando Oliveira, á Avenida dos Combatentes da Grande Guerra e J. Alves de Faria, em Barcelinhos.

VINHO AMERICANO

Pela Comissão de Defesa do Vinho Americano foi enviada ao sr. ministro da Agricultura a seguinte representação, acompanhada de 10.000 assinaturas de produtores deste vinho.

Excelentíssimo Senhor:

Os abaixo assinados, proprietários ou rendeiros de terrenos em que se cultivam as videiras do produtor directo «Isabela», tomam a liberdade de fazer chegar às mãos de V. Ex.ª as considerações seguintes relativas ao decreto-lei n.º 23.590 sobre a restrição do plantio da vinha.

Os signatários fazem justiça aos intuitos do decreto; parecendo-lhes, porém, que o Governo tem sido parcialmente informado pelos delegados oficiais da Região, que o não são dos interesses gerais da mesma.

O decreto visa a garantir a genuinidade do vinho verde e a limitar a sua produção. Quanto à primeira parte é justíssima a determinação relativa aos híbridos cultivados no Minho, os quais adulteram o seu tipo, devendo especializar-se o «Jaques» como intruso mais vulgarizado. Quanto à segunda parte pretende-se atingir principalmente o produtor directo «Isabela», a pesar de não ser híbrido, mas apenas uma variedade da vide «Labrusca».

É certo que esta videira tem sido abusivamente plantada em localidades próprias para o vinho regional; mas a culpa dessa expansão perniciosa deve ser atribuída apenas às entidades oficiais que pelos decretos n.ºs 12.866 e 16.684 estavam incumbidas de limitar a área da sua plantação.

De facto, a zona marítima insinuada pelo primeiro desses decretos e a comissão de técnicos estabelecida pelo segundo nunca se desempenharam do seu mandato.

Não ha enólogo conhecedor da região vinhateira das cercanias do Porto que não reconheça haver áreas que, pelas suas condições climáticas especiais não podem produzir outro vinho e onde o produtor directo «Isabela» se achia tão aclimado que até vai perdendo o seu sabor «foxé» característico.

Suprimida esta videira americana nessa zona, o lavrador teria de adquirir fora vinho para o seu consumo e da sua casa agrícola, porquanto a pesar de tratamentos cuidadosos e assíduos apenas poderia colher da casta regional o intragável e rascante verdasco.

Demais ha anos escassos de pão e abundantes deste vinho, sendo ele um factor apreciável da receita do proprietário para pagamento das contribuições, tanto mais que essas videiras consideradas «indesejáveis» são apreciadas na avaliação dos predios rusticos. Ha ainda a considerar que as classes operárias e piscatórias de modestos recursos utilizam este vinho como alimento de «poupança» por ser economico, agradável e alcoolicamente inofensivo.

Finalmente os signatários julgam ser demasiado curto o prazo estabelecido para o corte ou enxertia das videiras existentes nas localidades que tenham de ficar excluídas da zona demarcada, devendo talvez ampliar-se para oito anos esse período; e para evitar a concorrência ao vinho verde entendem que deve ser adquirido por conta do Estado, para destilação, todo o vinho americano produzido fora dessa área, pelo preço corrente no mercado da área própria.

Em resumo os sinatários:

1.º Aplaudem a doutrina do Decreto n.º 23.590 quanto á restrição do plantio de vinha;

2.º Pretendem que seja exceptuada do corte ou enxertia o produtor directo (não híbrido) «Isabela» numa zona limitada que a comissão de técnicos designar como inadaptável ás castas regionais, devendo dentro dessa «zona

AINDA A HOMENAGEM AO GOVERNADOR CIVIL DE BRAGA

Continuado do numero passado

Em Braga procede-se com essa orientação, estabelecida de facto a união, encontrando-se todos sob o mesmo comando, todos se abrigam sob as mesmas telhas. Basta o contacto de cada dia e a acção comum, estabelecendo o convívio e a camaradagem para que dentro em breve, sem encontros, sem pressões, sem habilidades, mas apenas obedecendo ao mesmo objectivo o de servir sacrificando-nos, se alcance a unidade desejada...

Não será precisamente esta a doutrina que tão brilhantemente é espendida da nota oficiosa de 29 de Julho?

A resposta é dada por v. ex.ª, senhor Ministro numa forma bem clara e conveniente.

E os analfabetos, aqueles que nem a letra redonda sabem lêr, ficam desde este momento instruídos quanto a este caso.

Senhor Ministro do Interior.
Excelencia:

Honrou-me vossa excelência, e honrou os nacionalistas de Braga, vindo presidir a este banquete. Se outras razões não houvesse este gesto de vossa excelência era bastante para o tornar crêdor do meu maior reconhecimento e da gratidão dos bracarenses.

Bem haja vossa excelência por tão generosa atenção que prova exuberantemente como vossa excelência sabe ser Chefe. E seja-me permitido que, sem servilismos improprios de homens honrados, mas num preito de justiça que dignifica, proclame a admiração, o respeito e a gratidão que lhe tributo, pela alevantada e inteligente acção por vossa excelência desenvolvida no Ministério do Interior.

Vossa excelência sr. Ministro, pode orgulhar-se de ter conduzido com a maior mestria, um dos actos políticos mais importantes da actual Situação: a preparação do ambiente que tornou possível a obediência completa á ordem do doutor Oliveira Salazar, para que houvesse «unidade, coesão e homogeneidade» na força que apoia a Ditadura.

Surpreendeu e arreliou muita gente esse gesto nobre, patriótico e coerente dos moços nacionais-sindicalistas. A mim não me surpreendeu, pois conhecia bem as intenções que os guiavam, que eram muito diferentes das intenções que lhes atribuíam.

Confiando inteiramente nesses moços, sinto-me bem, neste momento, ao verificar que s. ex.ª o doutor Oliveira Salazar deseja a cooperação deles dentro da União Nacional, e como elementos bons os considera. Aceite, portanto, v. ex.ª, ser Ministro, com as minhas felicitações, os meus agradecimentos de nacionalista.

Meus senhores:

Não posso satisfazer os anseios da minha alma, dirigindo me individualmente a cada um de v. ex.ªs; já basta o sacrificio que fizestes.

Foram aqui proferidas palavras amigas, afirmações traduzindo uma excessiva generosidade e gentileza, embora bem intencionadas. Sois justos quando afirmais a minha fé nacionalista, o meu devotado amor á região.

Foram, porém, aumentadas dema-

siadamente a minhas qualidades, porque as visteis através das lentes da vossa estima, e, cristãmente, olvidastes os meus defeitos.

Muito e muito obrigado. Queria poder exprimir-vos, poder dizer-vos, o que neste momento se passa em minha alma; não o sei, não o posso fazer. Perdoai-me esta deficiência.

Filho de pais modestísimos, a minha vida desenvolveu-se e tem decorrido, prestando culto ao trabalho e dedicando-lhe toda a minha capacidade. Modesto e obscuramente, desejo continuar a viver e se me não opuz a que esta homenagem se realizasse, foi por entender não ter o direito de impedir manifestações de fé nacionalista. Não considerei, nem considero como homenagem ao homem mas sim ao representante do Governo e, portanto uma homenagem ao próprio Governo.

Não me estonteiam estas manifestações de apreço como me não perturbam as críticas facciosas. Bem presente tenho em todos os actos da minha vida, a sabedoria a tirar das fábulas que li na minha infancia e, entre essas, a da «rã», e a do «velho e o burro».

Não me estonteiam, mas comovem-me, mas escravizam-me as provas de carinho, de estima, e solidariedade que v. ex.ªs me tem manifestado. Desde este momento, sinto sobre os meus frangos ombros, uma responsabilidade tremenda: ter de corresponder ao juízo que de mim formulais, á confiança que em mim depositais. Sobeja-me a vontade mas receio a falta de forças e de competência. Anima-me, porém, a certeza de que posso contar sempre com a vossa benevolência e confiar absolutamente na vossa cooperação e ajuda.

Garanto que jamais esquecerei os momentos de comoção e de alegria que me proporcionastes e prometo trabalhar ainda mais esforçando-me por corresponder ao que de mim esperais. Bem hajam v. ex.ªs pelo bem que á minha alma de português e nacionalista proporcionaram, imprimindo a esta festa o brilho, o entusiasmo, a grandiosidade e sobretudo o ambiente de estima e solidariedade que se verificou.

Bem haja também, o dr. Alberto Cruz, todos os seus colaboradores, pela iniciativa e preparação desta homenagem. Acção dessas não sei agradecer-las com palavras, e por isso as registei no mais íntimo da minha alma.

Termo levantando a minha taça para saudar:

—S. Ex.ª o Presidente da Republica, e na pessoa de s. ex.ª a Nação, da qual faz parte integrante este cantinho adorável, que é o Minho;

—Sua ex.ª o Presidente do Ministério e na pessoa de s. ex.ª, todos os nacionalistas portugueses;

—S. ex.ª o Ministro do Interior, e, na pessoa de s. ex.ª, todos os companheiros de trabalho, todos os camaradas de luta, todos os amigos».

Por largo espaço de tempo os «vivas» e as palmas atoarão os ares.

«Noticias de Barcelos» arquiva nas suas colunas este notável discurso e cumprimenta o ilustre Governador sr. Capitão Lucínio Preza.

União Nacional

Mais adesões

Freguesia de Tamel (St.ª Leocádia)

Antonio Barbosa, Lavrador; Antonio Gomes Pereira, Lavrador; Antonio Joaquim Barbosa, Lavrador; Antonio Joaquim da Costa, Lavrador; Antonio José Alves, Barbeiro; Carlos Alves Pinheiro, Pedreiro; Francisco Pereira, Lavrador; José Fernandes Andrade, Carpinteiro; José Pires, Lavrador; João Horácio Barbosa, Lavrador; Justino Joaquim de Sá, Lavrador; Manoel José Rodrigues, Lavrador; Manoel de Paulo, Lavrador; Manoel Pimenta da Costa Junior, Comerciante.

Freguesia de Vilar do Monte

Abilio da Costa Miranda, Jornaleiro; Adelino da Silva Azevedo, Lavrador; Albino da Costa, Jornaleiro; Alexandrino Custodio Ferreira, Lavrador; Amaro Fernandes do Vale, Lavrador; Antonio Alves Ferreira, Jornaleiro; Antonio da Costa Mano, Jornaleiro; Antonio Fernandes do Vale, Lavrador; Antonio José da Silva Duarte, Lavrador; Antonio José de Souza Martins, Lavrador; Antonio Ribeiro Martins, Jornaleiro; Antonio Rodrigues Mano, Jornaleiro; Bernardino Rodrigues Mano, Lavrador; Boaventura Dias de Sá, Lavrador; Domingos da Costa Miranda, Carpinteiro; Domingos Gonçalves de Carvalho, Lavrador; Domingos José Ribeiro, Jornaleiro; Fernando José da Silva, Lavrador; Francisco Martins, Lavrador; Francisco Rodrigues Mano, Guarda-Rios; João Enes, Lavrador; João José Barreto, Lavrador; João da Silva Gomes, Proprietario; Joaquim Martins de Souza, Lavrador; José Alves Vieira, Lavrador; José Antonio da Silva, Lavrador; José Araujo Gonçalves, Lavrador; José da Costa Ribeiro, Lavrador; José da Graça Martins, Lavrador; José Joaquim da Silva, Lavrador; José Luiz Fernandes Costa, Lavrador; José Manoel da Silva, Lavrador; José de Oliveira, Lavrador; José Rodrigues Martins, Lavrador; José do Vale Botas, Lavrador; Justino Ferreira, Lavrador; Manoel Assunção da Costa, Carpinteiro; Manoel da Costa Mano, Lavrador; Manoel da Costa Ribeiro, Lavrador; Manoel Dias de Sá, Lavrador; Manoel Fernandes do Vale, Jornaleiro; Manoel Ferreira Ribeiro, Lavrador; Manoel Florindo Gomes, Jornaleiro; Manoel Henrique Gomes Correia, Jornaleiro; Manoel Joaquim do Vale Botas, Lavrador; Manoel José Barreto, Jornaleiro; Manoel José da Costa Miranda, Jornaleiro; Manoel José Dias, Jornaleiro; Manoel José de Oliveira, Jornaleiro; Manoel José da Silva Junior, Jornaleiro; Manoel Martins, Lavrador; Mateus Gonçalves da Silva, Lavrador.

Freguesia de Igreja Nova

Antonio Fernandes Apolinario, Lavrador; Antonio Fernandes Carlos, Lavrador; Antonio Fernandes Garim, Lavrador; Antonio José Gonçalves Romena, Lavrador; Antonio Rodrigues da Costa, Lavrador; Alberto Fernandes Carlos, Lavrador; Domingos Fernandes Apolinario, Lavrador; Domingos Fernandes, Lavrador; Domingos Fernandes Braz, Açafateiro; David Fernandes Garim, Lavrador; Francisco Vieira da Costa, Lavrador; José de Araujo Passos, Comerciante; José Fernandes Apolinario, Lavrador; José Joaquim de Souza, Lavrador; José Marques, Lavrador; José Maria Pires, Lavrador; José Pereira Correia, Lavrador; José da Silva, Lavrador; Joaquim Marques, Lavrador; Leonardo Fernandes, Açafateiro; Luiz Gonçalves da Cunha, Lavrador; Manoel da Costa, Lavrador; Manoel Mendes Machado, Lavrador; Manoel da Silva, Lavrador; Manoel da Silva Araujo, Lavrador.

Freguesia de Carvalho

Antonio Longras, Carpinteiro.

ser livre o transito e consumo do referido vinho americano»;

3.º Propõem que seja ampliado para oito anos o prazo do corte ou enxertia das referidas videiras fora dessa região; sendo, entretanto, garantida a venda desse vinho, para destilação, pelo preço corrente no mercado da zona delimitada.

Confiados na justiça da cousa que defendem os signatários esperam a re-

solução favorável de V. Ex.ª

A Bem da Nação

Continua a colheita de assinaturas para serem enviadas ao sr. Ministro da Agricultura conforme vão chegando. Só no Sindicato Agrícola de Pedroso (que já entregou 1800 assinaturas de 16 freguesias do concelho de Gaia) entraram esta semana mais 1600.

Colegio Alcaides de Faria

AVENIDA DOUTOR
OLIVEIRA SALAZAR
BARCELOS

INSTRUÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA

Admite alunos internos, semi-internos e externos, de ambos os sexos, sob rigorosa fiscalização.

AS AULAS ABREM NO DIA 8 DE OUTUBRO

Director-proprietario: DR. VIRIATO LUSITANO ALVES FERREIRA, Licenceado em Letras.

Director Adjunto: A. AIRES DUARTE, Farmaceutico de 1.ª classe e professor das extintas escolas, Primária Superior e Complementar, de Barcelos.

Graças á inteligente acção da Policia do Porto, foi descoberto o verdadeiro autor do monstruoso crime perpetrado, na freguesia de Mariz, deste concelho, na madrugada do dia 28 de maio ultimo, na pessoa de José Miranda de Carvalho, daquela freguesia.

Os nossos leitores devem estar recordados de que o desventurado estudante José de Carvalho, de 17 anos, filho de José Manoel de Carvalho e de Rosalina Miranda Barros, proprietarios e residentes na freguesia de Mariz, foi violentamente agredido na cabeça, com um instrumento cortante e contundente conseguindo, após a covarde agressão, arrastar-se alguns metros em direcção á casa de seus pais, mas, faltando-lhe forças, caiu, ficando, sem fala, até o encontrarem as pessoas de familia que foram á sua procura.

Em estado gravissimo foi logo conduzido ao hospital desta cidade, onde ficou internado, sendo-lhe feita a operação do trépano, vindo a falecer dois meses depois da barbara agressão.

Posta em campo a Policia desta cidade, procurou descobrir o autor da agressão, ouvindo varias testemunhas, efectuando algumas prisões que não foram mantidas, não obstante os individuos indigitados como supostos autores do crime, serem pessoas de bem e categorizadas, sofreram rigorosa incomunicabilidade durante algumas semanas.

A versão que correu e de que a imprensa se fez eco, originando a prisão dos individuos apontados, foi a seguinte:

«Na madrugada de 26 para 27 de Maio, lançaram fogo á porta da igreja da freguesia, com o intuito de a arrombarem e furtarem os objectos de valor que lá fossem encontrados. No dia 27 isto é, no domingo, o sr. abade da freguesia fez um apelo aos fieis para descobrirem quem seria o autor de tal caso. Alguns homens, com o intuito de descobrirem o gatuno, colocaram-se, á noite, de guarda á igreja. Em certa altura da noite viram um homem com um saco ás costas, e julgando ser aquele o larápio foram no seu encalço para lhe darem o castigo merecido. E, nesse sentido, depois de verem que o gatuno se deitara junto a uma árvore, foram lá e agrediram-no, motivando a prisão dos individuos que estavam a guardar a igreja. Esta versão, porém, breve foi desfeita e postos em liberdade os homens».

O pai do agredido, na ância de descobrir o autor da agressão, requisitou a presença de um agente da P. I. C. do Porto, sendo encarregado desse serviço o cabo Dias, da 1.ª secção, que tão inteligentemente soube orientar as investigações que, bem depressa, tudo levou a indicar como verdadeiro autor do crime um irmão da vítima.

O pai do José Miranda, vendo o caminho que tomavam as investigações, acumulando irrefutáveis provas de culpabilidade contra o irmão do agredido, mandou suspender as investigações.

O CRIME DE MARIZ

A confissão do criminoso

Porém, na presença de tais provas, quando ainda na voz pública a culpabilidade pezava sobre outras pessoas, as investigações continuaram, resultando então a prisão do irmão da vítima, de nome António Miranda de Carvalho, que apesar de hábilmente interrogado negava a tremenda acusação que lhe era feita.

O agente Dias auxiliado pelo seu colega Pinheiro, insistentemente continuou a colher convincentes provas contra o António de Miranda, resolvendo, para melhor prosseguimento das investigações conduzir o presumido criminoso para o Porto.

Naquella cidade, diz o nosso colega «Comércio do Porto»:

«Tomou a direcção das investigações o sr. dr. Margarido Pacheco, illustre director da P. I. C., que começou a tomar uma certa paixão pelo caso. Não esmorecendo perante a negativa do António Miranda, e dedicando-se á causa com um certo ardor, bem como os agentes Dias e Pinheiro, empregaram todos os seus esforços e trabalharam denodadamente para conseguirem a confissão do detido, visto os indícios que se acumulavam contra elle.

Tão bem orientaram os seus trabalhos, que o António começou a confessar, ante-ontem, ter sido elle o autor da agressão. Apesar dos pormenores que citou durante a sua confissão, o sr. dr. Margarido Pacheco, ainda não tinha ficado satisfeito e, então, interrogando-o, ontem, mais pormenorizadamente, o Miranda começou a contar como o facto se dera, tendo feito numa das salas da P. I. C. a reconstituição do crime.

A confissão

Em resumidas palavras, vamos narrar como o António Miranda conta os factos da agressão e qual o mobil que o levou a praticar o crime.

Na noite de 27 de Maio—declara elle—estavamos a jogar as cartas. Momentos depois fui-me deitar, bem como o criado Belmiro, ficando o meu irmão José a jogar. Dez minutos depois, e quando eu já dormia, fui acordado por meu irmão José, a fim de o acompanhar ao «Maragoto» para guardarmos as cerejas. A principio neguei-me—continua—mas depois de meu irmão insistir resolvi acompanhá-lo. Enquanto me vestia, o José apoderou-se da candeia que estava na cosinha e disse que ia buscar os varapaus para se armarem. Momentos depois estava junto dele, que já o esperava no pátio, e aqui é José disse-me: *vai buscar a vara dos bois, porque eu vou, também, munir-me dum pau.* Mas, quando o José regressou, notou que elle trazia a espingarda-caçadeira, que é dum cano e de carregar pela

bôca, embrulhando-a num saco de linhagem.

E o António depois de tomar flego, continua: As nossas relações não eram das melhores, não só porque elle não acatava as minhas ordens, visto eu ser mais velho, como também pretendia dar ordens, chegando a ameaçar-me, na sexta-feira anterior ao da agressão, dizendo-me: *para um tolo, uma pedra e para um gago um tiro. Tu gago não és, mas tens muita gosma, mas um dia tiro-te a tosse.*

Em face disto—declara—e vendo o meu irmão com a espingarda, passamos por uma dependência onde estava um machado e apoderei-me dele. Quando o José me viu com o machado, perguntou-me para que levava aquilo, ao que eu respondi: *é para cortar, de manhã, um pinheiro e compôr o portêlo, que estava escangalhado.* O meu irmão então, disse-me: *podias fazer esse serviço ao outro dia.* Eu não fiz caso saímos de casa com direcção á Tumadia, local onde iam guardar as cerejas, quasi não tendo falado durante o caminho.

Ao chegarem á Tumadia, o José indicou-me um carreiro, que ali há, e vai dar ao sobreiro, onde devíamos ficar para a guarda das cerejas. Uma vez chegados ali, o José abriu o sacco que levava a espingarda e retirou-a, collocando-a distadte dele cerca de um metro e meio. Estendeu o sacco no chão e deitou-se, tendo-me eu, também, deitado com elle e ficando voltados de frente um para o outro, depois de eu também collocar o machado atrás de mim e ao longo do meu corpo. Passado pouco tempo senti o José levantar o cão da espingarda, coloca-la no mesmo sitio, e deitar-se novamente. De quando em vez olhavam um para o outro, até que meu irmão adormeceu.

E o António prossegue: Lembrando-se das intenções do seu irmão José e das palavras que dias antes lhe dissera, e temendo-o, pegou no machado e descarregou-lhe uma violenta pancada na cabeça sobre o lado direito.

Nesta altura, o sr. dr. Margarido Pacheco, que assistiu á confissão do agressor, disse-lhe que explicasse melhor. E aproveitando a oportunidade, mandou vir um detido das prisões, e foi feita a reconstituição, tendo o António collocado o chapéu na cabeça do detido, conforme o tinha seu irmão, e explicado como lhe dera a pancada.

Feita esta reconstituição pelo agressor, prosseguiu na sua narrativa: Julgando-o morto e depois de ter verificado com os dedos indicador e médio da mão direita o golpe que lhe tinha provocado na cabeça limpei os dedos, cheios de sangue, á aba do casaco, bem como o machado.

Peguei neste instrumento e na espingarda, baixando-lhe o cão, e dirigime para casa, onde cheguei ás 2 horas e meia da manhã.

Conta, depois, onde collocou o machado e a espingarda, que escondeu num falso da chaminé, onde ainda se encontra, segundo as suas declarações.

Ao outro dia, juntamente com a familia, foi em procura do seu irmão, ficando muito admirado de o ver no caminho, pois julgava que o tinha morto.

Em seguida, conta que foi todos os dias ao hospital ver o irmão, que não falou durante oito ou nove dias.

Logo que pôde falar com elle, pediu-lhe perdão, ao que elle lhe perdoou, e combinaram um e outro nada dizerem á policia.

De facto assim foi, pois o José morria após dois meses de agressão levando consigo o segredo.

«O Comércio do Porto», referindo-se a este crime, no sábado último, dizia:

Causou certa sensação nesta cidade e, especialmente, em Barcelos, o relato que *O Comércio do Porto* deu ontem, sobre a agressão mortal ocorrida, na madrugada do dia 28 de Maio ultimo, na freguesia de Mariz, daquele concelho, de que foi autor António Miranda de Carvalho, lavrador, e vítima o seu irmão José Miranda de Carvalho.

Este relato, foi assunto de todas as conversas, pela forma como foi praticada a agressão e pela expontanea confissão do agressor, tendo causado calafrios a reconstituição do crime, levada a efeito numa das salas da P. I. C.

As investigações prosseguiram, ontem, tendo o agente Dias ouvido as testemunhas que assistiram á confissão do autor da triste occorrença e sendo as suas declarações reduzidas a auto.

Ontem, de manhã, seguiu para Barcelos o agente Pinheiro, a fim de ouvir o pai, a mãe e os irmãos do assassino, sobre quem teria guardado a espingarda e indicarem o local onde estava.

Toda a familia declarou que não sabia, tendo o agente Pinheiro ido ao falso da chaminé—local indicado pelo António—e lá encontrou a espingarda que estava carregada, mas sem o fulminante. Confirmou-se, assim, mais uma vez a veracidade da confissão do agressor.

O agente Pinheiro, depois de se apoderar da espingarda e do machado, com que foi dada a pancada na vítima, regressou a esta cidade, onde chegou cerca das 9 horas e meia da noite.

O processo, que está a ser concluído, deve seguir, hoje, para Barcelos, juntamente com o detido António Miranda de Carvalho, devendo-o acompanhar o sr. dr. Margarido Pacheco, illustre director da P. I. C., e os agentes Dias e Pinheiro.

O assassino será entregue ao Tribunal, mas, antes, proceder-se-á no Maragoto, local onde a agressão se deu, a uma reconstituição do crime.

PAGINA DO CONCELHO

Campo, 2

A' sua quinta, de Crestes chegou, na semana passada, com demora de alguns dias, o sr. dr. Alberto de Magalhães Barros, Meretissimo Juiz do Tribunal da Relação de Lisboa, e a quem esta freguesia muito deve pela dedicação e valoroso esforço que S. Ex.^a tem manifestado, sempre que se trata do engrandecimento e progresso desta região.

Em sua companhia vem também seu extremoso filho, inteligente aluno da Universidade de Lisboa e que com distinção terminou o 3.º ano de Direito.

A S. Ex.^{as} pois, os nossos cumprimentos de boas vindas, com o desejo muito sincero de que se demorem muito tempo entre nós.

Hoje o Rev.º Pároco deu as últimas instruções relativas á grande peregrinação que no proximo domingo se realiza a Nossa Senhora da Franqueira. E' de esperar que, como de costume, só os impossibilitados deixem de tomar parte nessa grande manifestação de fé e piedade.

—Na igreja paroquial uniram-se pelos laços indissolúveis do matrimónio Francisco Pinheiro, de Carapeços, e Maria da Silva Cunha, desta freguesia.

—De visita ao sr. Dr. Alberto de Magalhães Barros, esteve em Crestes o sr. Joaquim Crisóstomo da Silveira, Juiz do Tribunal da Relação de Lisboa.

C.

Santa Eugénia, 3

No domingo passado, o nosso rev. Pároco fez um caloroso apêlo a todos os fieis desta freguesia, para que eles compareçam na peregrinação a Nossa Senhora da Franqueira, que terá logar no próximo domingo—dia 9 do corrente.

Principiou por dizer que é uma das festas religiosas mais importantes desta comarca, pois nela se encorporam todas as irmandades e confrarias deste concelho, que, subindo a encosta daquelle monte sagrado, vão aos pés da Santíssima Virgem implorar o seu auxilio e protecção, para os transe incertos da vida.

E, estamos convencidos de que quasi ninguém faltará a esta manifestação de fé ardente, que partirá do Convento dos Frades para a branca Ermida, que, no cimo daquela colina, alveja em torno de si a mais encantadora paisagem.

—Batisou-se, no passado domingo, uma criancinha do sexo masculino, filha do nosso amigo sr. Manoel Lopes da Cunha Coelho, proprietário desta freguesia.

—Deu á luz uma robusta criancinha a esposa do nosso amigo e assinante deste semanario, sr. Francisco Lopes da Silva, industrial no largo da Estação, dessa cidade.

—No passado domingo, durante a festa de Alvelos, um individuo de Santa Eulália de Rio Covo encarregou-se de retirar algumas bombas que se encontrava nas bicicletas desamparadas, recolhendo-as numa casa próxima do terreiro; portanto os donos desses objectos ficam sabendo quem os retirou.

Fazemos este importante aviso, porque uma foi entregue, após algumas horas, a um rapaz desta freguesia que deu pela sua falta, e foi avisado por alguém que presenciou o caso.

—No passado sabado, regressou á sua residência, na Póvoa de Varzim, a sr.^a D. Rosa, dignissima professora em Beiriz, a qual veio passar á sua terra natal quinze dias, —C.

Alvelos, 3

Decorreu com brilho e boa ordem a festa a Nossa Senhora das Dores realizada no passado domingo nesta freguesia. Pela manhã quasi todo o povo da freguesia se ajoelhou á Mesa

PARA A LAVOURA

O MEU POMAR

Resposta ao Amigo

Tendo nós tratado das fruteiras de pevide e de carôço, e dos principais parasitas que as perseguem, e do modo de nos defender, parece agora pedir o mesmo estudo sobre as fruteiras de espinho; e assim o vamos fazer nesta carta.

Fruteiras de espinho—larangeiras, tangerineiras, limoeiros, etc. estas como as de pevide e carôço, teem os seus grandes inimigos, que se os não combatermos, ficamos sem capital e juros, porque grande parte deles matam a fruteira. Vamos pois vêr em resumo os principais e remedio a fazer; atende n.º 1—*Aleurodes citri*—é um pequenino insecto que põe os ovos no avesso da folha, nascem as larvas quasi invisiveis, sugam-nas, deixando uma materia viscosa que produz a fumagina, ficando toda a arvore deñegrada. Ha outro insecto chamado Polilha que causa os mesmos estragos, não só nas folhas, mas até nos frutos. Remedio—sulfatar no mez de Novembro, todas estas fruteiras com calda sulfocálcica a 4 ou 5.º, de modo, que o tronco, ramos e folhas fiquem molhadas. (Estes 4 ou 5.º, quer dizer—depois de feita a calda sulfocálcica, pela formula e processo que te ensinei, medes 4 ou 5 litros desta para 96 ou 95 litros de agua pura, não calcaria). N.º 2—As cochonilhas, que teem como rainha a terrível *Icéria*—que é um insecto branco, feio, mole, cabeça loira; esmagado fica cor de tijolo. Alastra-se por toda a fruteira, que esta, tem de enfraquecer e morrer.

Remedio—igual ao N.º 1. Ou então pedir ao Director do Laboratorio de Patologia Vegetal em Lisboa, para te mandar umas Joaninhas chamadas Vedalias que postas nessas fruteiras dão cabo de todas as icérias. Faz de conta que as icérias—são ratos e as vedalias—são gatos. ¿Percebeste? N.º 3 *Ceratitis hispanica*—é um insecto, feio de mosca, que ataca principalmente as laranjas antes do seu completo desenvolvimento, estas apodrecem e caem; e as larvas passam para a terra, onde completam as metamorfoses. Ha outro parasita que causa os mesmos estragos fazendo uma especie de murra na casca esta parte atacada mela e apodrece, e os frutos caem. Remedio—sulfatar no mez de Janeiro os frutos com calda bordalesa neutra a 3.º. E em antes de mais nada apanhar toda a fruta do chão e queimar tudo ou escalda-la com agua a ferver; para assim evitares novas invasões no ano seguinte. Lembra-te que cada fruto que conservares no chão, é um viveiro de parasitas, é um verdadeiro foco de infecção.

Regra geral—toda a fruta caída que não seja por desastre, quer seja maçã ou pêra, pecego ou laranja ou qualquer outra, nunca se conserva no chão (como fazem a maior parte dos nossos lavradores) porque essa fruta representa uma sementeira de parasitas que no ano seguinte nos vem afligir a todos.

N.º 4—*A goniose*—é produzida por um parasita que ataca a casca, provocando-lhe uns pingos de goma ou resina, a casca começa a secar, a arvore amarelece e morre. São poucas as fruteiras que resistem a infecção tão peçonhenta.

Remedio curativo não ha; apenas o preventivo que consiste em molhar todo o tronco, e pernadas da fruteira com calda sulfocálcica a 4 ou 5.º no mez de Novembro, e molhar ao mesmo tempo toda a terra por debaixo dela, com a mesma calda (1 a 2 litros por metro quadrado) conforme disse na ultima carta para a fruta de carôço. E ponto por hoje. Ficamos no parasita 4. Se na proxima 5.ª feira o logar estiver vago, verás outros 4.

Teu Amigo

M.

ASSINANTES DO CONCELHO

A todos os assinantes do concelho, onde encarregamos pessoa amiga de proceder á cobrança da assinatura do nosso jornal, pedimos o favor de liquidarem os recibos logo que lhes sejam apresentados, evitando assim muito trabalho ás pessoas que gentilmente se prontificaram a auxiliar-nos.

E a todos os assinantes onde ainda não temos pessoa encarregada de fazer a cobrança, pedimos o especial favor de virem pagar as suas assinaturas á tipografia do nosso jornal, em frente ao Correio Geral, onde se encontram

da Comunhão a receber o pão eucarístico.

A procissão de tarde foi magestosa, com trez elegantes andores, muitos anjinhos, bandeiras, estandartes, e vários grupos de figuras alegóricas, ricamente vestidas, representando as sete Dôres de Nossa Senhora e outros factos alusivos á vida da Sagrada Família. A armação da igreja e andores era do armador Silva, de Vilar de Figos; o vestuário do figurado da procissão foi obra das Armadeiras da Póvoa de Varzim. O sermão de Nossa Senhora foi pregado pelo ilustrado e zeloso prior da Cidade de Barcelos. A chuva de sabado e domingo de manhã fez com que este ano a concorrencia de povo fosse menos do que em outros anos passados.

—Com as associações religiosas e

povo da freguesia iremos, no próximo domingo, tomar o nosso lugar na jornada religiosa a Nossa Senhora da Franqueira.

O Sr. Arcipreste de Barcelos, sempre refletido e bem ponderado, e sempre de todos obedecido e por todos apoiado, designou, e muito bem, a partida do cortejo religioso do logar do convento do Senhor da Fonte da Vida.

—Com o nome de Antonio Pereira Vilas Boas foi batizado um filhinho do sr. Francisco Fernandes Vilas Boas e esposa Diolinda Pereira Simões.

—No próximo sabado, dia da Natividade de Nossa Senhora ha-de haver nesta igreja um sermão em cumprimento dum voto do sr. Domingos Gonçalves Gandarão, o qual em breve tenciona voltar ao Rio de Janeiro em companhia de sua familia.—C.

Feitos, 3

Sessão Solene

Na Escola Primaria da freguesia de Feitos, realizou-se no dia 26 de Agosto findo, pelas 8 horas, uma brilhante sessão solene de homenagem á ex.^{ma} sr.^a D. Maria Augusta da Silva Mendonça, distinta professora oficial, prestada pelo povo da freguesia, como testemunho de gratidão pelo bem que muito fez em prol da instrução.

Abriu a sessão o sr. Luiz Rodrigues de Miranda, Presidente da Junta, convidando para a presidir o sr. Alferees Castelo Grande. Este por sua vez, convida para o ladear nos lugares de honra a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Augusta da Silva Mendonça, professora da dita escola, rev. P.^o Geraldo Alves da Cruz Ferreira, bemquisto abade da freguesia, Manoel José de Araujo, regedor e membros da Junta.

Em seguida, o sr. alferes Castelo Grande, apresenta os seus cumprimentos e usando da palavra disse: E' com muita satisfação e grande contentamento que pela primeira vez vai falar em nome dos habitantes da sua freguesia, que aqui se encontram todos reunidos para prestar homenagem de agradecimento á distinta professora que dentro dos seus deveres profissionais os elevou ao máximo em prol da instrução. A sua acção foi tão grande como professora, que o seu prestigio está atravessando o concelho em todas as direcções, pela sua dedicada actividade e competencia desenvolvida a bem do ensino.

Ela, que fóra da escola, nas horas livres, dos seus deveres profissionais empregava o seu tempo em ensinar os adultos a lêr e escrever, visitando os doentes nos seus domicílios, prestando dentro do seu alcance todo o auxilio e protecção aos enfermos pobres, socorrendo-os nas suas necessidades e velando pelas criancinhas desamparadas.

Ela que é um modelo de virtudes, raizando com os seus exemplos servia de guia a todas as raparigas e mulheres, dando-lhes os seus mais sagrados conselhos, guiando-as pelo caminho da honra e do dever. Ela que com todo o carinho e dedicação distribuía os seus sorrisos de bondade pelas criancinhas, educando-as pelo caminho do bem.

Findas as suas palavras que a assistencia aplaude, foi pelo ex.^{mo} sr. Abade convidada a menina Laurentina de Matos Araujo, aluna da escola, para proceder ao descerramento do retrato da homenageada.

Ao ser descerrado o seu retrato, a assistencia prodigalisou de pé uma quente e prolongada ovação.

O sr. alferes Castelo Grande, tornando a falar, dirige-se á homenageada e diz-lhe: V. Ex.^a deve sentir a satisfação do dever cumprido, porque o povo todo desta freguesia, mandou colocar aqui o retrato de V. Ex.^a para os seus filhos perpetuarem na memoria a lembrança da sua primeira professora, que tanto bem lhes fez e que muito honra a classe do professorado primário português.

Convidado a usar da palavra o ex.^{mo} Abade da freguesia, este distinto e admirado orador sagrado pronuncia um soberbo discurso, que prende a atenção de toda a assistencia que se vê dominada pela voz potente do orador que diz sentir-se imensamente bem naquela festa, porque, está adentro dos seus principios cristãos. Elogia a conduta irrepreensivel como verdadeiro apóstolo da instrução da ex.^{ma} sr.^a D. Maria Augusta da Silva Mendonça, que tambem é uma católica praticante.

O seu discurso admiravelmente builado, empolga a assistencia que o houve religiosamente devido á fluencia da sua palavra.

Continua na 8.ª pagina

Colegio Alcaides de Faria

AVENIDA DOUTOR
OLIVEIRA SALAZAR
BARCELOS

INSTRUÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA

Admite alunos internos, semi-internos e externos, de ambos os sexos, sob rigorosa fiscalização.

AS AULAS ABREM NO DIA 8 DE OUTUBRO

Director-proprietario: DR. VIRIATO LUSITANO ALVES FERREIRA, Licenceado em Letras.

Director Adjunto: A. AIRES DUARTE, Farmaceutico de 1.ª classe e professor das extintas escolas, Primária Superior e Complementar, de Barcelos.

EDITAL

Francisco José Monteiro Torres, Administrador do Concelho de Barcelos:

Para conhecimento dos interessados faço saber que a esta secretaria baixaram os editos do teor seguinte:

MINISTERIO DAS OBRAS PUBLICAS E COMUNICAÇÕES

Administração Geral
DOS

Serviços Hidráulicos e Eléctricos

Direcção dos Serviços Eléctricos

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do artigo 33.º do Regulamento para concessão e estabelecimento das instalações eléctricas de interesse público, aprovado por decreto de 5 de Janeiro de 1928, estará patente na Direcção dos Serviços Eléctricos, da Administração Geral dos Serviços Hidráulicos e Eléctricos, sita na Rua de S. Mamede (ao Caldas), n.º 71, e na Administração do Concelho de Famalicão e Barcelos em todos os dias úteis das onze às dezasseite horas, e pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Electrica Portuguesa para estabelecimento de uma linha a 15.000 volts, do posto de transformação da freguesia de Viatodos à Fábrica A Barcelense, de João Duarte & C.ª, na cidade de Barcelos, situada nos concelhos de Famalicão e Barcelos.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referi-

BARCELOS — PRADO — BRAGA

Partidas de Barcelos

8,25 da manhã
11,10 da manhã
1,25 da tarde (a)
4,55 da tarde

DO LARGO DA CALÇADA

Partidas de Braga

8,45 da manhã
11,30 da manhã (a)
2,15 da tarde
5,15 da tarde

DA RUA DOS CHÃOS, 88

N. B.—(a) Estas carreiras não se efectuem aos domingos.

A EMPREZA

COLÉGIO DUBLIN

(PARA MENINAS)

Travessa do Carmo, telef. 273---Braga

Os melhores resultados obtidos nos exames de instrução primária e liceu.

Recebe alunas internas, semi-internas e externas para classes infantis, instrução primária e curso geral dos liceus (do 1.º ao 5.º ano), com trabalhos praticos de laboratórios.

Piano, pintura, trabalhos manuais e conversação francesa.

Está aberta a matrícula para o próximo ano lectivo, que começará em 8 de outubro.

A Directora,

MARIA JOSÉ OGANDO

da Direcção, dentro do citado prazo.

Lisboa, 5 de Setembro de 1934.

Pelo Engenheiro Director,
a) Zeferino Soares

É quanto se contem nos referidos editos.

Barcelos e Secretaria da Câmara Municipal, 8 de Setembro de 1934.

E eu, Emilio Pinto Rosa, Oficial servindo de Chefe da Secretaria o escrevi.

Francisco José Monteiro Torres

Alugam-se os altos da casa da Padaria João Cardoso, sita ao Largo do Teatro. Vêr e tratar Ourivesaria Lemos.

COFRE

Troca-se um pequeno por um grande, pagando a diferença de valor. Informa a Fábrica da Granja.

PERDEU-SE

Desde o Monte da Franqueira até aos Frades, perdeu-se um relógio e uma corrente de ouro. Pede-se a quem achou estes objectos o favor de os entregar, pois trata-se duma recordação de família, e, gratifica-se bem. Dirigir-se á Casa Tomaz d'Araujo.

COMARCA DE BARCELOS

Arrematação

3.ª praça

No dia sete do proximo mes de outubro, pelas onze horas e á porta do tribunal judicial desta comarca, tem de proceder-se á arrematação em hasta publica afim de serem entregues a quem por eles mais oferecer, visto que por editais de 7 e 30 de julho ultimo não tiveram lançador, dos seguintes:

IMOBILIARICS

Na freguesia de Santo Estevam de Bastuço, lugar de Sam-

paio, uma casa terrea de taboado e junto eirado de lavradio; e

Na mesma freguesia e logar a leira da Regueira, de lavradio com agua de rega.

Esta arrematação é efectuada por virtude do ordenado nos autos da execução por custas e selos que o Ministerio Publico move contra Manoel Ferreira de Macedo e filhos, da mesma freguesia, ficando a cargo do arrematante o pagamento das despesas da praça e a sisa respectiva.

Por este meio são citados quaisquer credores incertos dos executados, nos termos e para os fins legais.

Barcelos, 7 de agosto de 1934.

O Chefe da 3.ª secção,
Candido Cardoso

Verifiquei a exactidão

O Conservador do Registo Civil, servindo de Juiz de Direito,
Gonçalo José de Araujo

EDITAL

A Comissão Administrativa da Junta da Freguesia de Vila Seca, Concelho de Barcelos.

TORNA PUBLICO:

Que tendo terminado o prazo de reclamação do mapa de derrama, e não tendo aparecido nenhuma reclamação, esta se encontra em cobrança voluntaria até ao dia 31 de Outubro, em casa do tesoureiro da mesma Junta, Joaquim Eiras, em todos os dias uteis.

Terminado este prazo proceder-se-ha á cobrança coerciva.

Vila Seca, 13 de Setembro de 1934.

O Presidente,
Manoel da Silva Nunes

Alugam-se os baixos do prédio junto á Ourivesaria Lemos, n.º 77, 79, na R. Inf. D. Henrique. Tratar Ourivesaria Lemos.

INTERNATO DO LICEU DE SÁ DE MIRANDA--BRAGA

Ótimas instalações, na parte nova do edificio do Liceu = Amplos dormitórios, salas de estudo, balneários, ginásio, etc. = Aquecimento interior, no inverno = alimentação sã, variada e abundante = Passaios recreativos = Assistência moral.

Os alunos do internato são para todos os efeitos considerados alunos internos do Liceu, frequentando diariamente as aulas e tomando parte em todos os trabalhos escolares, etc. Acompanha-se o seu aproveitamento escolar e, fora dos tempos lectivos, funcionam no internato cursos auxiliares de didáctica de aprendizagem. Chama-se a atenção das famílias para o prazo das matriculas.

Pedir prospectos e informações á Direcção --- PADRE CANDIDO AUGUSTO DA ROCHA VIEIRA
ANTONIO DA COSTA LIMA

PINTURA

COMPOSIÇÃO
PAISAGEM
RETRATO

DESENHO

CARVÃO
CRAYON
AGUARELA
SANGUINEA
PASTEL

ESCULTURA

BUSTOS
IMAGENS

ATELIER
SOB A DIRECÇÃO DE
GONÇALVES TORRES

EXECUÇÃO DE TRABALHOS E LI-
ÇÕES ARTISTICAS, TANTO NO
ATELIER COMO AO DOMICILIO.

METODO CALIGRAFICO E
ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

A ABRIR BREVEMENTE

Achado

Foi encontrado na freguesia das Carvalhas, no dia 26 do corrente, um relógio e corrente de prata que será entregue a quem provar pertencer-lhe.

Está depositado no quartel da G. N. R. desta cidade.

Advogado

António Pedrosa Pires de Lima

Largo de S. José, n.º 53
Consultas das 4 ás 6

PINHEIROS E EUCALIPTOS grossos, compram-se em grande ou pequena quantidade. Dirigir a *Costa Campos—Trofa*, ou para informações *Pensão Pontes* — Barcelos.

A. Eurico Soucasaux

OCULOS, ARMAÇÕES,
VIDROS E HASTES
Depositar e revendedor do Fly xot

VENDE-SE

Uma vasilha que leva 8 pipas, em estado de nova. Falar nesta redacção.

Agencia João de Sousa Pimenta

LEGALMENTE HABILITADO

Passagens



Passaportes

CAMPO DA FEIRA 22 — BARCELOS

Vende passagens para a America, Brasil, Argentina, Africa, França, etc.

TRATA DE TODA A DOCUMENTAÇÃO BEM
COMO DAS CARTAS DE CHAMADA

BLOCO BARCELOS, L. DA

BARCELOS (FABRICA DA GRANJA) TELEFONE 27—BARCELOS 4775 — PORTO

EMPRESA DE CONSTRUÇÕES

ESPECIALISADA EM

CASAS ECONOMICAS

Fornecimento de vigamentos, *Fabrica de Serração* soalhos, esquadrias, Materiais de construções, etc.

MADEIRAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS
— — MOVEIS E DECORAÇÕES — —

Colegio de Belinho

SOB A ASSISTENCIA DE

Antonio Corrêa d'Oliveira

Director, José Coutinho Caldeira do Amaral
P.º Albino Alves Pereira (educação religiosa)

Internato para o sexo masculino. Instrução primaria—
Curso Geral dos Liceus — Educação Física e Moral.

Situação privilegiada de verdadeiro sanatório. Instalações obedecendo a todos os requisitos da moderna pedagogia. Ampla quinta, jardins, parques de recreio, campos de desporto, etc.

Pedir condições para a
Secretaria do Colégio de Belinho — ESPOZENDE



MODISTA DE LISBOA

EXECUTA CHAPEUS E VESTIDOS
COM PERFEIÇÃO, RAPIDEZ E
ELEGANCIA, A PREÇOS MÓDICOS.

Fazem-se transformações de chapéus a 10\$00.

FEITIOS DE VESTIDOS DESDE 25\$00.

M.ª BRITO

AVENIDA DOS COMBATENTES DA GRANDE GUERRA

BARCELOS

EUROPÉA

COMPANHIA DE SEGURO
Sede-Rua Nova do Almada, 64-1.º
LISBOA

Seguros contra incêndios
» responsabilidade civil
» acidentes de trabalho
» acidentes individuais

CONSULTEM A NOSSA TARIFA DE PREMIOS
Agente em Barcelos
Alcides Ribeiro

FURTADO MARTINS

Advogado

Rua Barjona de Freitas

Automóvel FIAT

Modelo 520, 6 cilindros, em bom estado, vende-se. Falar nesta redacção ou com o Zé do Aires.

PIANO—COMPRA-SE

Nesta redacção se informa.

Não esqueçam
uma visita á

LEITARIA DO TEATRO

onde encontram DOCES de todas as qualidades, PASTEIS, FRIGIDEIRAS, os melhores VINHOS, belas FRUTAS e pequenos ALMOÇOS. Tudo a preços com que ninguém pode competir.

DR. ADÉLIO MARINHO

MÉDICO

Consultorio—Campo da Feira, 53
Residência—Rua Infante D. Henrique, 35

José Perestrelo

Largo José Novais — BARCELOS
Automoveis de aluguer
Oleos e gasolinas

Procurador Corrêa

Largo José Novais n.º 8

Federação Nacional de Produtores de Trigo

Delegação de Barcelos
Previnem-se os Produtores de trigo que o Celeiro sómente está aberto das 10 ás 17 horas.

A Delegação de Barcelos